ENTRE OLHARES E ESCUTAS NA EDUCAÇÃO ESPECIAL: construindo possibilidades de inclusão no AEE

Maria de Holanda Melo Neta 1
IFCE (Brasil)
maria.holanda24@aluno.ifce.edu.br
Norma Suely Furtado Pearce 2
IFCE (Brasil)
norma.suely24@aluno.ifce.edu.br

Resumo: Para fazer a educação inclusiva acontecer de verdade nas nossas escolas, precisamos ir além daquela ideia antiga de integração, em que o aluno tinha que se adaptar sozinho a uma escola rígida. Com o reordenamento promovido pela Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (Brasil, 2008) e pela Lei Brasileira de Inclusão (Brasil, 2015), o Atendimento Educacional Especializado (AEE) se firmou como um serviço pedagógico essencial, criado para identificar e organizar recursos que retirem as barreiras que atrapalham o aprendizado e a participação dos estudantes da educação especial. No entanto, no dia a dia da escola pública, percebemos que garantir a vaga, ter materiais na sala e receber o laudo médico não é suficiente se faltar afeto, escuta e olho no olho. Nos anos finais do ensino fundamental, os alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA) enfrentam um momento delicado de mudanças, com muitos professores e a necessidade de mais autonomia nas relações com os colegas (Loch; Valentini, 2025). Diante dessa realidade, como professoras-pesquisadoras, nos perguntamos: de que maneira a disponibilidade para o olhar observador, a escuta sensível e o acolhimento afetivo no AEE pode ajudar a superar rótulos médicos, dar novo sentido a comportamentos que parecem “estranhos” e incentivar a autonomia dos estudantes autistas na rotina escola? Assim, o objetivo deste trabalho é refletir sobre como o acolhimento afetivo e a escuta atenta no AEE ajudam na autonomia e no protagonismo de uma estudante com autismo em uma escola pública. Teoricamente, nos apoiamos nos ensinamentos de Freire (1996) sobre a pedagogia da autonomia, em conversa com autores da educação inclusiva e com estudos atuais sobre a escuta sensível na educação especial (Pinto; Pontarolo, 2021). Para Freire, escutar o aluno vai muito além de ouvir

palavras: é uma atitude de respeito à história de vida do estudante e de disposição real para aprender com ele. Junto a isso, trazemos Mantoan (2003) para lembrar que incluir de verdade exige deixar de lado os rótulos que reduzem o aluno ao seu laudo. Quando a escola olha só para a doença, acaba escondendo a pessoa que existe ali. Por outro lado, quando praticamos a escuta sensível, conseguimos enxergar os talentos do estudante e transformar o AEE em um espaço de acolhimento e aprendizado real. Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa qualitativa em formato de relato de experiência, desenvolvida na Sala de Recursos Multifuncionais (SRM) de uma escola municipal, acompanhando uma aluna do 7º ano com autismo. O acompanhamento aconteceu durante todo um ano letivo. Como instrumentos de registro, utilizamos a observação no dia a dia, anotações em diário de campo da professora e conversas com a aluna, seus professores da sala regular e sua família. A análise das informações foi feita relembrando e registrando episódios marcantes da rotina escolar, refletidos à luz da pedagogia da autonomia e do afeto no ensino especializado. Nas nossas observações, percebemos que a estudante tinha um histórico de faltas e afastamentos da escola. Embora falasse inglês fluentemente (aprendeu sozinha), desenhasse muito bem e aprendesse os conteúdos com facilidade, ela passava por momentos de insegurança e isolamento. Ao transformar a sala do AEE em um ambiente calmo, sem cobranças ou pressões por respostas prontas, a aluna passou a usar o espaço para desenhar e se acalmar. O momento mais marcante aconteceu num dia em que a professora mediava uma conversa entre dois colegas, pedindo que eles se olhassem nos olhos. Quando os colegas saíram, a estudante se aproximou e perguntou à professora se ela sabia por que ela mesma não olhava no rosto das pessoas. Com paciência e sem julgamentos, a professora escutou a aluna revelar que, quando olhava direto para o rosto de alguém, enxergava os olhos e a boca fora do lugar, o que lhe causava muita aflição visual. A professora então a tranquilizou, dizendo que ela não precisava se forçar a olhar nos rostos. Essa conversa simples mudou tudo: aquele comportamento de “desviar o olhar”, que o laudo apontava apenas como “déficit de interação”, era na verdade uma forma de a aluna se proteger desse desconforto visual. Sentindo-se respeitada e compreendida, a aluna ganhou tanta confiança que passou a ajudar os colegas como monitora e chegou a dar palestras sobre o autismo para as turmas do 9º ano durante a Semana da Educação Inclusiva da escola. Em suma, essa vivência nos mostra que incluir alunos com autismo no Ensino Fundamental exige muito mais do que cumprir regras

ou usar materiais adaptados. A inclusão acontece nas relações do dia a dia, quando o professor se dispõe a olhar além do laudo, escutar com empatia e construir laços de confiança . O AEE cumpre seu verdadeiro papel quando deixa de ser apenas um atendimento técnico e se torna um espaço de acolhimento e incentivo à autonomia. Quando passamos a respeitar o jeito de cada aluno ser e aprender, transformamos a escola em um lugar mais humano, acolhedor e democraticamente aberto a todos.

Palavras-chave: Educação inclusiva. Atendimento Educacional Especializado. Escuta sensível.

Referências

BRASIL. Ministério da Educação. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva.** Brasília: MEC/SEESP, 2008.

BRASIL. **Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015.** Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Brasília, DF: Presidência da República, 2015.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

LOCH, Tatiana Marta; VALENTINI, Carla Beatris. Estudantes com Transtorno do Espectro Autista nos anos finais do ensino fundamental: a escuta dos educadores. Revista de Estudos Interdisciplinares, v. 7, n. 1, p. 15-32, 2025.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Inclusão escolar:** o que é? por quê? como fazer? São Paulo: Moderna, 2003.

PINTO, Nilcéia Frausino da Silva; PONTAROLO, Andreia Cristina Lidoino. Escuta sensível e o estudante com transtorno do espectro autista. **Revista Contemporânea de Educação,** Rio de Janeiro, v. 16, n. 36, p. 96-113, 2021.